

Sinos da França Para o Mundo

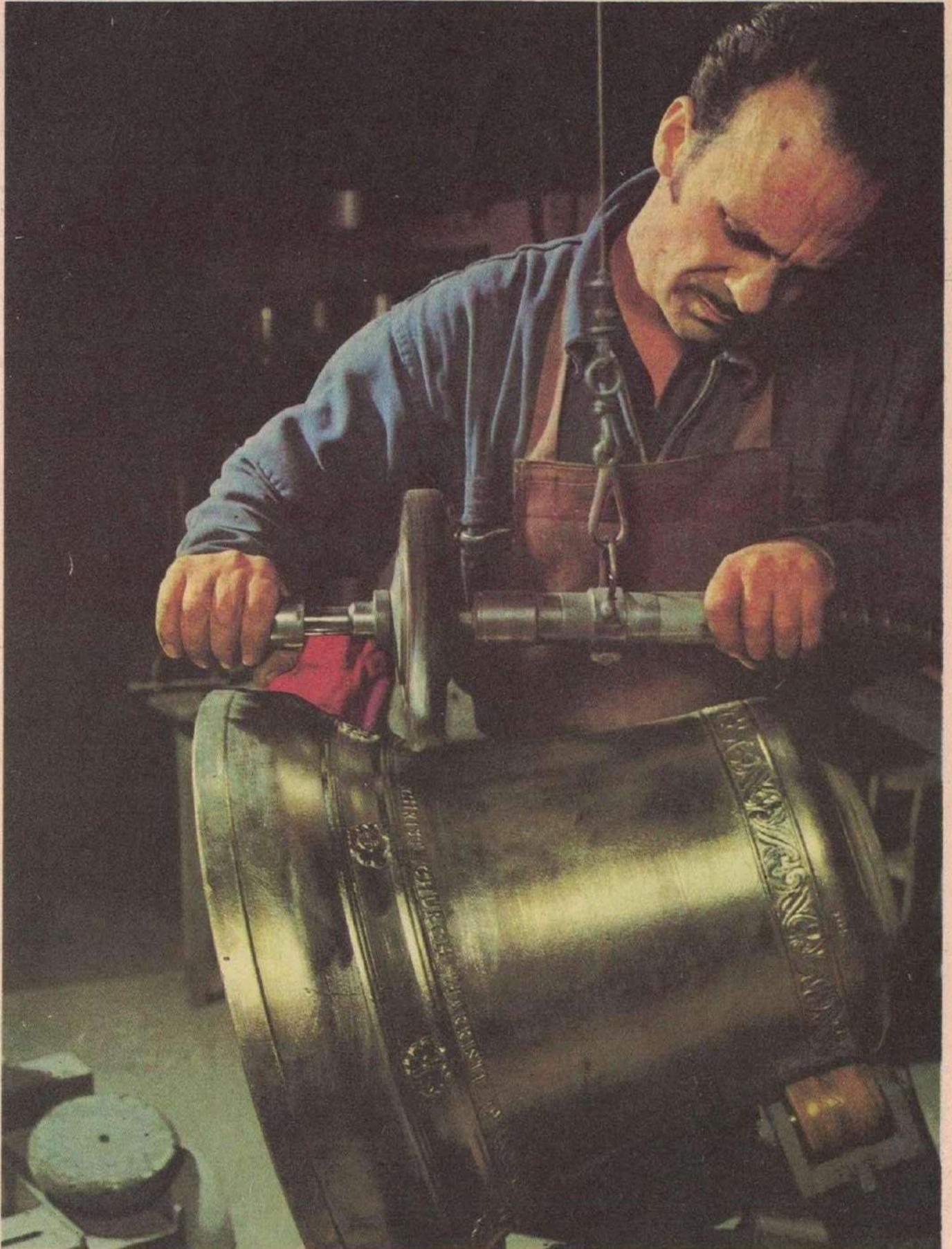
Há seis gerações que a família Paccard transmite uma tradição milenária, fabricando os melhores sinos do mundo

WALTER S. ROSS

HÁ MAIS de quatro anos os invasores alemães ocupavam Paris, e os sinos eram proibidos de tocar na capital francesa. De repente, às 9h 30min da noite de 24 de agosto de 1944, os parisienses, atônitos, ouviram Emmanuel, o grande sino da Catedral de Notre-Dame, espalhar pelos ares o seu som alto e límpido. O sino de St. Merri, fundido em 1331, o mais velho da cidade, juntou-se a êle com sua voz trêmula, e assim também o gigantesco Savoyarde, da Basílica do Sacré-Coeur, com 20 toneladas de peso, o maior da França. Um após outro, centenas de sinos começaram a tocar em Paris, bimbalhando, badalando, repicando, até que o seu clamor pôs a vibrar a cidade inteira. Ninguém que tenha ouvido êsse som de ruidosa alegria poderá jamais esquecê-lo: os sinos diziam a uma Paris emocionada que

os primeiros soldados franceses tinham entrado na cidade — que a libertação estava próxima!

Durante séculos, os sinos têm marcado todos os grandes acontecimentos da vida humana — de missas e massacres a guerras e casamentos. Na França do século XIII, os sinos dividiam o dia em três partes — matinas, meio-dia e vésperas. Na maior parte da Europa, o sino tocava às oito ou nove horas da noite para assinalar o *couvre-feu*, o cobrir do fogo, o toque de recolher. As cidades medievais tinham um bater de sino para a semeadura, a colheita, o mercado e a respiga. Um sino de incêndios soava o alarme; o sino do dízimo lembrava aos paroquianos que era tempo de pagar a taxa da igreja; o sino das portas avisava que a cidade estava sendo fechada. Os sinos eram até castigados: o Imperador Carlos V



Polindo o sino: um operário especializado dá polimento usando um esmeril

julgou e condenou o Roeland, de Ghent, na Bélgica, por «haver desempenhado um papel muito turbulento com sua língua» na insurreição flamenga de 1540. Foi condenado a descer ao chão.

Os sinos eram considerados tão evocativos do sentimento religioso que, quando a Revolução Francesa aboliu os dias de guarda — inclusive os domingos — decretou ao mesmo tempo que os sinos das igrejas fossem fundidos e transformados em canhões. Só uns poucos dentre os grandes sinos, como o Emmanuel, de Notre-Dame, ficaram para dar o toque de rebate.

Foi essa destruição de sinos que lançou no negócio a maior fabricante de sinos da França, a Paccard, Fonderie de Cloches, de Annecy-Le-Vieux. A igreja da aldeia de Quintal, a 12 quilômetros de Annecy, foi uma das muitas que perderam o seu sino. Depois que o Comissário Revolucionário deixou a localidade, em 1796, o padre achou que havia condições de pôr outro no lugar. Contratou o fundidor suíço J. P. Pitton para o trabalho. Naqueles dias, os fundidores de sinos eram itinerantes, trabalhavam no próprio local; e quando Pitton chegou a Quintal pediu ao Prefeito Antoine Paccard que o auxiliasse a encontrar um ajudante. Mas a gente da aldeia estava ocupada com a colheita, e Paccard resolveu trabalhar com o fundidor. Juntos, eles fabricaram um sino de 816 quilos, magnificamente ornado com a imagem de Cristo. Usando a expe-

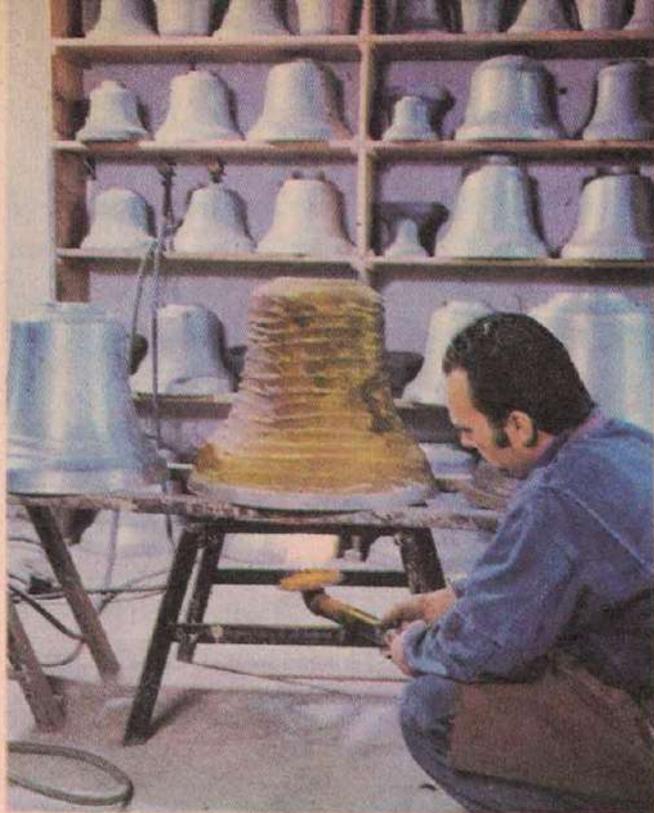
riência adquirida, Paccard passou a dedicar-se também a essa atividade.

Seis gerações de Paccards se sucederam desde então, produzindo mais de 70.000 sinos com a marca «Paccard Me Fecit» (Paccard me fez). Há pelo menos um deles em cada país do mundo, exceto na União Soviética. Os sinos Paccard soam para os nova-iorquinos na Catedral de St. Patrick e para os cambojanos na Catedral de Phnom-Penh. Tocam no Oratório de São José, em Montreal, Canadá, e na catedral dedicada à Paz Mundial em Hiroxima, Japão. Convocam os fiéis em mais de nove mil igrejas e catedrais francesas. Carrilhões Paccard de cinco sinos substituíram recentemente as sirenes para marcar o revezamento de turmas em duas fábricas francesas, e um sino Paccard está incumbido de prevenir os marroquinos da aproximação de gafanhotos.

A fundição Paccard fica situada junto ao cristalino Lago de Annecy, no Sudeste da França, perto da fronteira suíça. «Nossos sinos amam este lugar», diz Alfred Paccard, atual diretor da fábrica. «O lago amplifica o som, e os pinheiros e a neve suavizam-no.»

Ao caminharmos para a fundição, um prédio baixo, em forma de L, Paccard apontou para os abetos verde-escuros das montanhas em redor e disse: «Aquêlé é o nosso combustível. Não só a lenha é mais barata», explicou, «como produz uma chama mais quente do que os outros combustíveis.»

Perguntou-me quanta lenha eu



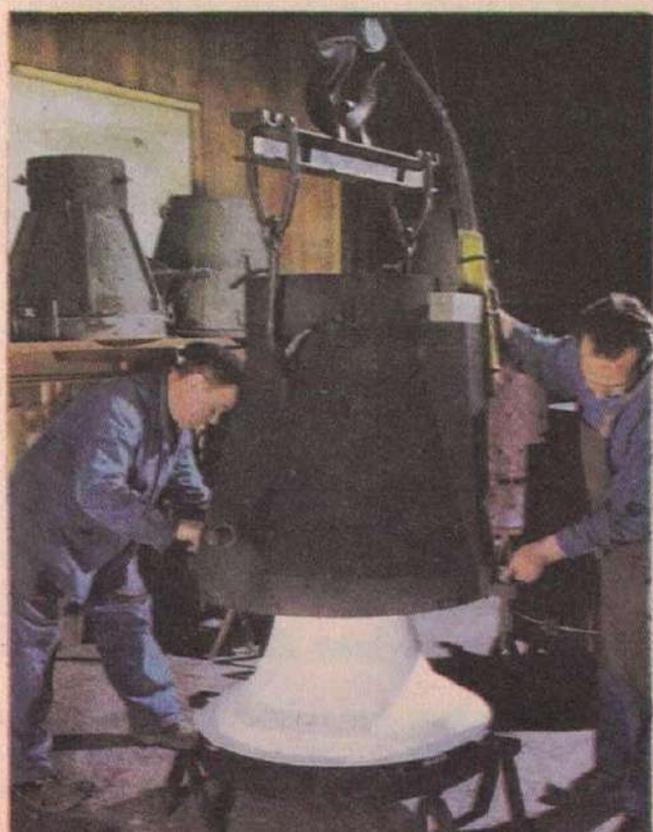
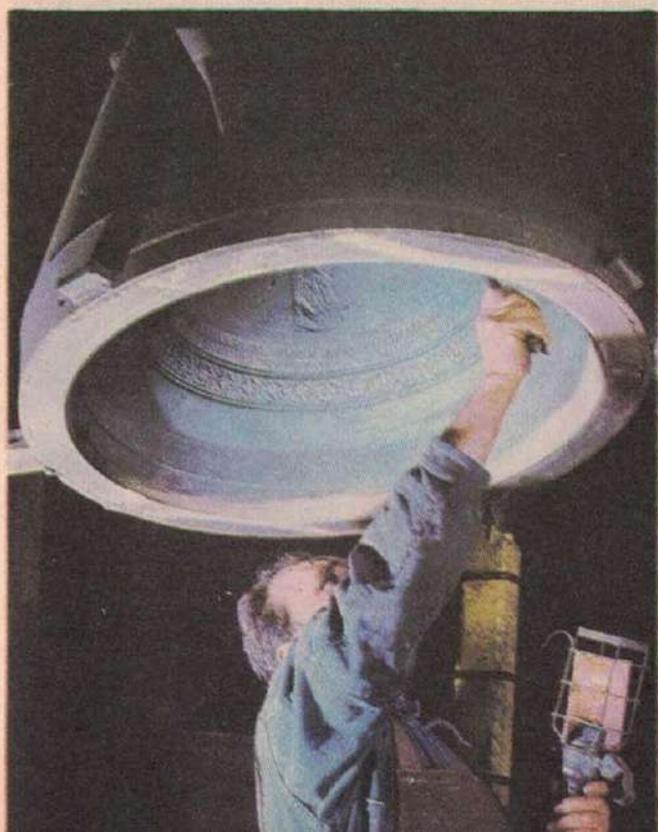
A cêra dos relevos é coberta com barro. Derretida a cêra, os relevos passam para o sino

Os relevos e as inscrições gravadas podem ser vistas no molde acabado

O molde externo é aplicado sôbre o interno; entre os dois está o ôco, que será a massa do sino

achava que era necessária para fundir um quilo de bronze. Quando falei, de palpite, em várias centenas de quilos, êle riu: «Todo o mundo diz isso. Na verdade, bastam 100 gramas de lenha para cada quilo de bronze.»

Paccard mostrou-me a seguir como são feitos os sinos — um processo que remonta ao século IV, quando Paulinus, Bispo de Nola, na Campânia, Itália, inventou uma maneira de moldar objetos ocos de bronze. (Até hoje, ninguém conseguiu aperfeiçoar êsse método básico.) Paccard começa com um «núcleo» de tijolo refratário, coberto de areia e barro, torneando contra um «perfil» recurvo de carvalho numa roda de olaria. Isto dá ao sino sua forma interior. A seguir, êle modela no núcleo um «falso sino», feito de terra e pêlo animal e sôbre o qual se gravam os desenhos desejados — imagens de santos, brasões de armas, inscrições —



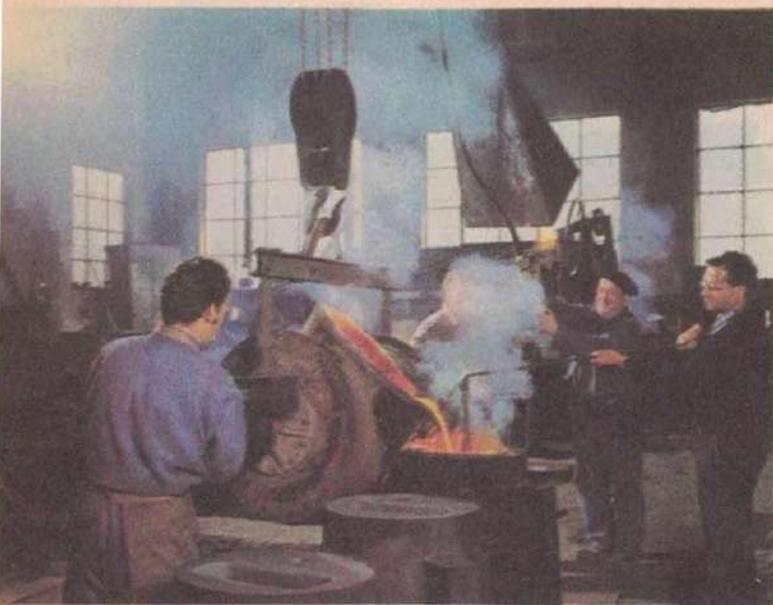
feitos de cêra endurecida em moldes de madeira. A cúpula — de areia e argila, reforçada com revestimento de aço — cinge a parte exterior do falso sino e recebe uma impressão invertida d'esses desenhos em relêvo.

Quando as três peças são levadas ao forno, o calor endurece os moldes e derrete os desenhos de cêra, deixando uma superfície lisa no falso sino. A cúpula pode então ser levantada e o falso sino removido. Tanto a cúpula como o núcleo são recobertos com grafite, para impedir que o bronze fundido venha a grudar. Depois são postos novamente juntos, ficando entre ambos um espaço vazio, anteriormente ocupado pelo falso sino. O bronze fundido (78% de cobre para a resistência e 22% de estanho para a ressonância) é despejado nesse espaço para formar o sino.

Quando o sino esfria, o molde

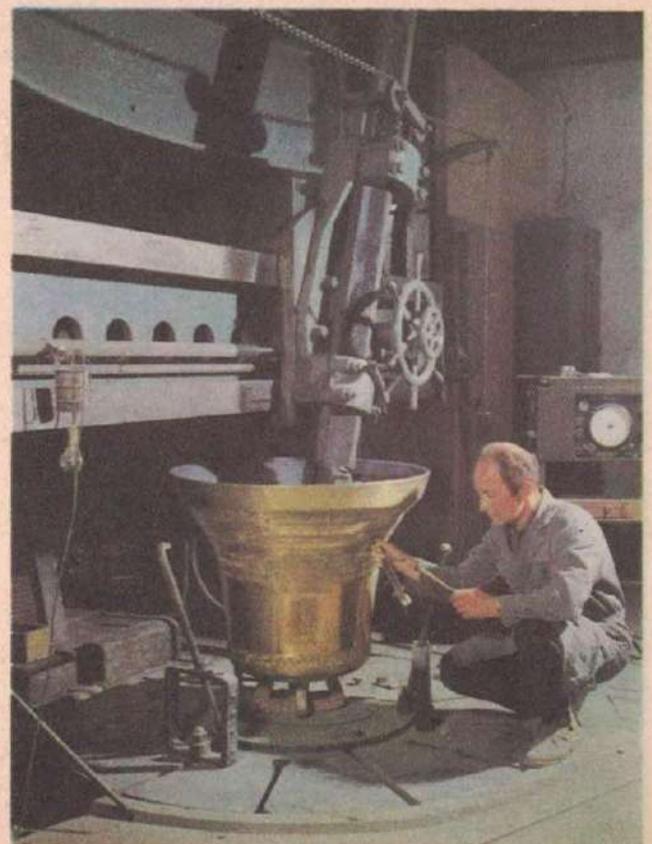
é quebrado. Coloca-se então o sino, de boca para cima, numa mesa giratória sob pesadas máquinas de esmerilhar. Um operário golpeia-o com um malho no lugar em que deverá bater o badalo, e um afinador profissional, com um ouvido perfeito, verifica cada variação com o seu diapasão, previamente ajustado à nota que se espera do sino. Determinando o quanto os dois sons diferem, o afinador calcula que quantidade de metal deve ser retirada de dentro — ou às vêzes de fora — do sino, para baixar o tom. Outros pontos do sino são afinados da mesma forma, para produzir sons que se integrem em acordes harmoniosos.

Se a fundição é perfeita e o tom é correto, o sino se torna um monumento permanente ao seu fabricante. Mas o contrário pode acontecer: o Emmanuel, de Notre-Dame, anterior a Paccard, teve



A fundição do sino, com Paccard à direita

O afinador verifica os harmônicos do sino, colocado sôbre um tórno vertical. Retirando metal aqui e ali, o afinador obtém as notas que busca



de ser derretido e reconstruído por outro fundidor quatro anos depois de ser inaugurado, em 1685, porque o som produzido pelo original era desafinado.

O sino Savoyarde, do Sacré-Cœur, hoje o mais famoso da França, apresentou à casa de Paccard um enorme desafio. Logo depois da derrota da França na guerra de 1870, a Igreja Católica francesa projetou erguer uma basílica tôda branca no alto da Colina de Montmartre, o ponto mais elevado de Paris, como expressão nacional de contrição e esperança. Os habitantes de Haute-Savoie, cidadãos franceses apenas desde 1860, doaram 65.500 francos-ouro para um sino maciço — que se chamaria Savoyarde — destinado à nova basílica. Naturalmente, fizeram a encomenda ao fundidor local.

Paccard aceitou, não sem alguma hesitação. O forno da fundição teria de ser modificado para poder fundir até 27 toneladas de bronze — operação que exigia o maior apuro técnico. Normalmente, 12 horas bastam para fundir o bronze à temperatura requerida de 1.100 graus. Mas para o enorme Savoyarde foram necessárias 24 horas para

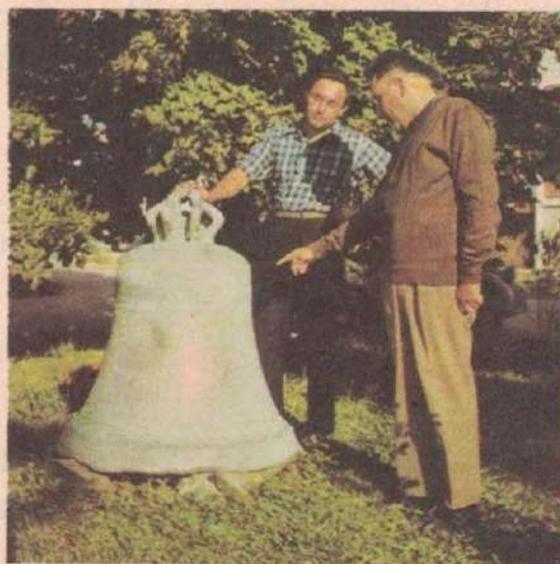
derreter todo o metal. Com a fundição inteira a irradiar um calor insuportável, um operário quebrou o boião no tampo e o metal incandescente escorreu para dentro do vasto molde. Levou quatro dias para esfriar — mas a fundição foi impecável.

O Savoyarde tornou famoso o nome de Paccard. Desde então, a fábrica passou a receber encomendas para os sinos mais importantes da França. Mas ainda tinha problemas com os carrilhões, a mais alta expressão da arte do fundidor de sinos. Um carrilhão consiste em pelo menos 25 sinos, todos afinados entre si como as notas de um piano. Os sinos são fixos; só os badalos se movem. No século XVII, a fabricação de carrilhões atingiu seu ponto mais alto com os admiráveis fundidores Frans e Pieter Hémony, da Flandres; mas depois que eles morreram a arte en-

trou em declínio e desapareceu completamente durante a Revolução Francesa.

Desde que começou a trabalhar na fundição, aos 16 anos, Alfred Paccard decidiu rivalizar com os Hémony, e talvez até superá-los, pois, grandes como fôssem, os carrilhões deles eram imperfeitos

Paccard e seu filho apreciam um sino fundido em 1551, no jardim da antiga fundição



nas notas altas. Os sinos agudos tornam-se menores, e portanto mais fracos, à medida que sobem na escala; assim, o volume de som dos sinos da base pode encobri-los. Os velhos fundidores compensavam isso reforçando os sinos menores para fazê-los soar mais alto — criando falsos harmônicos.

Depois de formado em engenharia, aos 23 anos, Alfred estudou os velhos sinos durante quatro anos; analisou o piano, para descobrir porque as notas altas eram afinadas e no entanto não eram abafadas pelos sons graves. Afinal, conseguiu criar uma série de perfis com os quais se podia fundir carrilhões afinados e equilibrados. Seus sinos altos eram não somente poderosos, como soavam em perfeita harmonia com o conjunto.

Ele e sua fundição trabalharam então durante um ano em um carrilhão de 48 sinos para a Basílica de Notre-Dame de la Trinité, em

Blois. Instalado em 1938, tornou-se imediatamente uma sensação, e desde então tem sido objeto de peregrinações dos maiores tocadores de carrilhão do mundo. Em 1966, um congresso de 40 desses mestres da Europa, Canadá e Estados Unidos, reunido em Blois, proclamou esse instrumento o melhor que já se construiu.

A música dos sinos — repicando para a oração, batendo as horas, soando para os sacramentos — repercute nos corações dos homens como nenhum outro som. Evoca um tempo de fé, talvez um eco do culto cristão nas suas origens; lembra São Patrício a tocar um sino do lado de fora de sua capela em Armagh, na Irlanda, no remoto ano de 450. Assim, da próxima vez que você ouvir um sino, preste bem atenção: talvez você esteja ouvindo ecos dos grandes acontecimentos da História, e é muito possível que essa voz seja a da casa Paccard.



NUM TREINAMENTO de sobrevivência da Fôrça Aérea, nossa unidade estava acampada num bosque cerrado, e com as chuvas as barracas ficaram com o chão encharcado.

Sentado num caixote, com os pés na água, um rapaz viu seus companheiros de barraca, exaustos, chegando de um exercício.

«Não pisem na água com essas botas imundas!» gritou êle. «Temos de dormir nela hoje à noite.»

— D. P.



O CÔMICO Don Rickles estava comentando um nôvo filme com um amigo. «Cheguei atrasado», disse Rickles, «mas quem me dera ter perdido o filme inteiro.»

— K. C.